

## CONVIVÊNCIA, ODIOENAMORAMENTO E GOZO DO OUTRO

*María Rosa Borgatello de Musolino\**

### RESUMO:

Toda vez que o ser humano é confrontado com a tarefa da convivência, o amor participa na gênese da consciência moral e do sentimento de culpa. Este sentimento exprime o conflito de ambivalência entre o amor e o ódio, pela necessária mistura da pulsão de vida com a de morte. O “odioenamoramento” é quem rege as tortuosas relações humanas. Nele, a meta erótica é torcida pela pulsão de morte para satisfazer plenamente a aspiração sexual do corpo que fala. Mas uma mulher, situada do lado homem, poderia gozar do corpo do homem? Nesta terna apologia da vida, que é *Dona Flor e seus Dois Maridos* só Jorge Amado assim, magistralmente, pode dar conta de que “a mira do gozo do Outro é uma mira fantasmática” que se realiza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Psicanálise. Sexo. Odioenamoramento. Convivência. Culpa. Morte. Gozo do Outro.

---

\* Psicoanalista – Miembro Analista, Mayeútica Institución Psicoanalítica. Integrante del Organo de Garantía y de Designaciones. Directora del Programa de Formación en Psicoanálisi. Coordinadora de la Sección Interinstitucional. Representante en la Comisión de Enlace de Buenos Aires, de Convergencia, Movimiento Lacaniano por el Psicoanálisis Freudiano. Integrante de la Reunión Lacanoamericana de Psicoanálisis. Integrante equipo teórico-clínico Hospital Borda, Erill de Escobar. Fco. Acuña de Figueroa 1767 – 1180 Capital Federal, Buenos Aires, Argentina. [mrbmusolino@yahoo.com.ar](mailto:mrbmusolino@yahoo.com.ar).

*A vida é o conjunto das forças que resistem à morte.*

(Bichat, 2006)

Freud afirma que toda vez que o ser humano é confrontado com a tarefa da convivência, o amor participa na gênese da consciência moral e do sentimento de culpa. Este sentimento exprime o conflito de ambivalência entre o amor e o ódio, pela necessária mistura da pulsão de vida com a de morte.

De tal modo, indica Lacan, que é o “odioenamoramento” quem rege as tortuosas relações humanas. Nele, a meta erótica é torcida pela pulsão de morte para satisfazer plenamente a aspiração sexual do corpo que fala”. Por isso, é possível amar e odiar quem nos ama, do mesmo modo que aquele que nos maltrata, trai ou odeia.

Mas, que coisa é demandada nesse gozo do Outro e a quem? O amor pede amor. Pede para fazer o amor, para que o amor faça os dois. Mas sabemos que o gozo do Outro que o corpo simboliza não é o signo do amor.

O que se demanda a nosso companheiro ou companheira é essa pequena morte da qual pode resultar a reprodução da vida. Nessa irrupção do sexo que é o amor, o único que se demanda é fazer o amor. Poder morrer em um instante por uns segundos acrônicos, para sentir o Um, o gozo do próprio corpo, gozando do fantasma que nos goza.

É assim que graças ao odioenamoramento em transferência que o sexo e a morte podem ir mais longe que o inconsciente. Seja na experiência de uma análise, na vida ou na sua ficção. Vamos embrenhar-nos na que nos oferece Jorge Amado:

Gosto tanto de ti, [...], com amor tamanho que para te ver e te tomar nos braços, rompi o não e outra vez eu sou. Mas não queiras que eu seja ao mesmo tempo Vadinho e Teodoro, pois não posso. Só posso ser Vadinho e só tenho amor para te dar, o resto todo de que necessitas quem te dá é ele.  
(p. 537)

Dona Flor se assusta e se excita sendo o objeto de um gozo do Outro, que é sua própria vontade de gozo ante o gozo que não encontra em seu parceiro. Por isso sua ambivalência, nesse odioenamoramento, o que encobre a “meta erótica torcida pela pulsão de

*morte*”? Será o alcançar a si mesma para colocar-se na função de andrajo humano, desse pobre detrito de corpo separado do gozo que aqui apresenta-se a nós?

Que me importam meu conceito na rua e na cidade, meu nome digno?  
Minha honra de casada, que me importa? Toma de tudo isso em tua boca  
ardida, de cebola crua, queima em teu fogo minha decência inata, rasga  
com tuas esporas meu pudor antigo, sou tua cadela, tua égua, tua puta”.  
(Amado, 1966, p. 519).

Esta é a resposta que dá o amor a uma mulher, pois ela tem a possibilidade de inscrever-se e não inscrever-se na função fálica. Ao não existir como uma capaz de negar o gozo fálico, seu desejo está escondido no seu recato. Mas por ser não-toda em relação a esse gozo, desdobra-se sem estranhar, aceitando o que seu amante diz sobre ela:

Eu sou o marido da pobre dona Flor, aquele que vai acordar tua ânsia e  
morder teu desejo, escondidos no fundo de teu ser, de teu recato. Ele é o  
marido da senhora dona Flor, cuida de tua virtude, de tua honra, de teu  
respeito humano. [...]. Somos teus dois maridos, tuas duas faces, teu sim,  
teu não. (Amado, 1966, p. 537)

Dona Flor nega o Um da fusão amorosa com Teodoro e também com Vadinho, para indicar o que Há do Um em relação ao gozo. Há do Um, há um significante que eleva-se do enxame zumbidor do desejo para encarnar-se no que ela denomina "*honra*". A que Teodoro, o marido/amado vivo crê que cuida e a que o outro morto, astutamente, diz que veio salvar: “Vim impedir que tomasses um amante e arrastasses teu nome e tua honra pela lama”. (Amado, 1966, p. 538)

Então, se só o exercício do saber pode representar um gozo e o corpo se inventa no verbo que se ausenta ao dizer, quando nomeia “Vadinho”; é possível que haja gozo do sexo nela?

Refiro-me ao gozo do corpo do parceiro no próprio corpo. Ao gozo desse outro que se reflete na imagem especular, esse que em uma análise é necessário perfurar para chegar ao amor-afeto. Ao amor que afeta o corpo, na sua paixão pela linguagem. A que o faz verbear e verbear para inventar-se.

Sobre isto há muito escrito na vida de cada família. Cada um faz seu próprio poema odioenamorado, do que entende que lhe compete. O que não é outra coisa que a transmissão do homem ou da mulher que busca e recebe. Mas se assim como da morte, também não há da mulher inscrição inconsciente, sexo, amor e morte, necessitarão ser vividos para ser reconhecidos?

Lacan nos tranquiliza: se há castração, se algo diz que não ao gozo que é obstáculo à relação sexual, então há possibilidade de que o homem goze do corpo da mulher.

É claro que na belíssima ficção de Jorge Amado assumir a castração é mais fácil para Vadinho do que para Teodoro, porque ele já está morto. Que conhecimento da resistência à morte! Disso que para outro mortal não é mais que a vida.

Na ficção literária, Vadinho pode jogar com o manejo do gozo fora do corpo mortal, para ser um corpo encarnado no mental que implementa na mulher desejada. Canto da fala na linguagem que com seu desejo ela mantém vivo, não sendo na sua morte. Mesmo que lhe haja significado situar-se do lado da existência de um capaz de dizer que não à função fálica, à castração do final da vida.

Mas uma mulher, situada do lado homem, poderia gozar do corpo do homem? Dona Flor se sente muito perturbada pelo seu odioenamoramento: “eu já não sou eu, já nem sei o que faço, minha vontade se acabou”. (Amado, 1966, p. 507)

Por isso, pede a outra mulher, sua comadre Dionísia, que ele volte à paz porque sente uma “leseira” que quase a faz aceder. Então, talvez por ser uma personagem, Dona Flor apropria-se da variedade de sua verdade singular sem realizar uma análise. A lê na sua carta de amor, quando esta rebota no muro da linguagem que a aproxima de Vadinho na convivência.

Do braço do marido felizardo, sorri mansa dona Flor: ah!, essa mania de Vadinho ir pela rua a lhe tocar os peitos e os quadris [...] passeia dona Flor, feliz de sua vida, satisfeita de seus dois amores. (Amado, 1966, p. 550)

Nesta terna apologia da vida só Jorge Amado assim, magistralmente, pode dar conta de que “*a mira do gozo do Outro é uma mira fantasmática*” que se realiza.

**Referências**

AMADO, J. (1966). *Doña flor y sus dos maridos*. Trad. Rosa Corgatelli. Madrid, Editorial: Alianza, 2009.

AMADO, J. (1966). *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 1996.

BICHAT, X. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort (1800)*, Paris: Flammarion, 2006

FREUD, S. *El malestar en la cultura*, Tomo XXI, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986

LACAN, J. *La relación de objeto*, seminário de 6 de fevereiro de 1957, Buenos Aires: Paidós, 2003

\_\_\_\_\_. *La angustia*: Seminário de 29 de maio de 1963, Buenos Aires: Paidós, 2006

\_\_\_\_\_. *Las formaciones de lo inconsciente*, Seminário de 18 de dezembro de 1957, Buenos Aires: Paidós, 1999

\_\_\_\_\_. *La angustia*: Seminário de 6 de março de 1963, Bs. As.: Paidós, 2006

\_\_\_\_\_. *La angustia*: Seminário de 6 de março de 1963, Buenos Aires: Paidós, 2006

\_\_\_\_\_. *Conférences et entretiens des universités nord-américaines*, , p. 59, Silicet 6/7, París: Seuil, 1976

**COEXISTENCE, HATELOVING AND JOUISSANCE OF THE OTHER**

**LA COEXISTENCE, L'HAINAMORATION ET LA JOUISSANCE DE L'AUTRE**

Recebido em 10/07/10

Aprovado em 11/08/10